



Ensaio, crítica, ficção: a burla das fronteiras em Silviano Santiago

Maria Elisa Rodrigues Moreira¹
Universidade Vale do Rio Verde (UninCor)
maria.elisa@unincor.edu.br

Resumo: Biografia, autobiografia, memórias, ensaio, ficção, romance. A fronteira entre os diversos tipos de escrita talvez seja o melhor espaço para inserirmos a produção do crítico e ficcionista Silviano Santiago. Escritor e intelectual relevante na cena literária não apenas brasileira, a obra de Silviano Santiago caracteriza-se por uma persistente burla dos limites, de modo que teoria e ficção por ela transitam sem fixarem-se a espaços pré-determinados. Destaca-se, na produção de Silviano Santiago, a persistência de temas e questões que se alastram tanto pelos territórios crítico-teóricos quanto pelos ficcionais, num processo de “contaminação” e “hibridização” que acaba por diluir os limites entre esses territórios: é a refletir sobre estes distintos modos de articular ensaio, crítica e ficção no livro *O falso mentiroso: memórias* (2004) que esta comunicação se dedicará.

Palavras chave: Ficção – Ensaio – Memória – Fronteiras – Silviano Santiago

Abstract: Biography, autobiography, memoirs, essay, fiction, novel. The border between the different types of writing may be the best space for inserting the production of critic and fiction writer Silviano Santiago. Writer and intellectual relevant in the literary scene not only Brazilian, Silviano Santiago's work is characterized by a persistent circumvention of limits, so theory and Fiction pass through it without fixing to predetermined spaces. It stands out, in the production of Silviano Santiago, the persistence of themes and issues that spread both by critical-theoretical territories as the fictional in a process of "contamination" and "hybridization" which turns out to dilute the boundaries between these territories: It is to reflect on these different ways to articulate essay, criticism and fiction in *The liar false: memoirs* (2004) that this communication will be dedicated.

Keywords: Fiction – Essay – Memoirs – Boundaries – Silviano Santiago

Arte para mim se confunde com a
vida e, nesse sentido, um gênero só
não basta.
Silviano Santiago

¹ **Maria Elisa Rodrigues Moreira** é doutora em Literatura Comparada e mestre em Teoria da Literatura. Atua como professora do Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde, em Três Corações, Minas Gerais. Este trabalho deriva de projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa Minas Gerais: diálogos.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Biografia, autobiografia, memórias, ensaio, ficção, romance. A fronteira entre os diversos tipos de escrita talvez seja o melhor espaço para inserirmos a produção do crítico e ficcionista brasileiro Silviano Santiago, cuja obra se caracteriza por uma persistente burla dos limites, de modo que teoria e ficção por ela transitam sem fixarem-se a espaços pré-determinados. Destaca-se, em sua produção, a persistência de temas e questões que se alastram tanto pelos territórios crítico-teóricos quanto pelos ficcionais, e que acaba por diluir os limites entre esses territórios: é a refletir sobre estes distintos modos de articular ensaio, crítica e ficção no livro *O falso mentiroso: memórias* (2004) que esta comunicação se dedicará.

A literatura contemporânea coloca-se, muitas vezes, como um desafio à teoria e à crítica, em especial quando se nos apresenta em textos inclassificáveis, que impulsionam e exigem a movimentação das fronteiras dos conhecimentos (Hissa *A mobilidade*). É nesse lugar fronteiro que vai se instituir o diálogo entre a ficção e a teoria, num movimento que provoca um deslocamento contínuo entre uma e outra. Ao escolher a fronteira como espaço da escrita, a literatura coloca em questão seu próprio estatuto, assim como a distinção entre o que caracteriza sua prática e a reflexão que se constrói sobre ela. Os autores que assim agem trazem suas reflexões críticas e teóricas para o corpo da ficção, transformando-as em argumentos narrativos e criando assim, para seus textos, múltiplas e complexas camadas de sentido que permitem que nelas se adentre pelos mais variados caminhos, que com elas e entre elas se estabeleçam as mais distintas conexões.

É certo que a aproximação entre o “exercício intelectual” e a “literatura” não é um fato novo, e a esse artifício diversos autores já recorreram em suas obras. É o caso, por exemplo, de Jorge Luis Borges e do emblemático “Pierre Menard, autor do Quixote”, texto certamente conhecido de vocês, no qual se tece uma reflexão engenhosa sobre os processos de escrita, leitura e tradução. O processo de hibridação entre teoria e ficção levado a cabo por Borges, o deslocamento que provoca nos códigos do discurso, é explicitado numa



afirmação atribuída pelo narrador ao próprio Menard: “Pensar, analisar, inventar [escreveu-me também] não são atos anômalos, são a respiração normal da inteligência”. (Borges “Pierre Menard” 44)

Essa conjunção entre a teoria e a ficção, no entanto, pode ser observada com incidência cada vez maior na literatura a partir de meados do século XX, levando-nos a tomar esses textos fronteiriços e esses projetos literários híbridos como formas de uma poética que se constitui a partir das importantes mudanças ocorridas nas correntes teóricas do período, as quais tornam o campo da teoria e do fazer literários mais ampliados e porosos às reflexões provindas de áreas afins como as artes, a filosofia e a história, por exemplo. Além de Borges, apenas para mencionarmos alguns nomes comumente associados a essa perspectiva, poderíamos situar nesse campo autores como Italo Calvino, Gonçalo M. Tavares, J. M. Coetzee, Enrique Vila-Matas, Ricardo Piglia e Silviano Santiago, sobre o qual nos deteremos nesta comunicação.

Nascido na cidade de Formiga, interior do estado de Minas Gerais, em 1936, Silviano Santiago tem sua própria trajetória marcada pelo deslocamento²: transferiu-se para Belo Horizonte em 1948 para dar continuidade a seus estudos e, na capital mineira, começou a frequentar o Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) e os círculos artísticos e literários de então. No final dos anos 1950 ingressou no Curso de Letras da Universidade de Minas Gerais e, já em 1960, publicou seus primeiros textos literários. Nesse mesmo ano mudou-se para o Rio de Janeiro, conseguindo em seguida uma bolsa do governo francês para cursar o doutorado na Universidade de Sorbonne. Após atuar como professor visitante em universidades de diversos países, tornou-se professor e pesquisador em universidades brasileiras, contando hoje com uma ampla e relevante produção intelectual, ficcional ou não, internacionalmente reconhecida.

² Esse vínculo entre o deslocamento e a produção artística de Silviano Santiago é abordado, pelo próprio autor, em “A experiência radical”: “Esses constantes deslocamentos me levaram a ter certo prazer em trabalhar com formas de gênero misturadas. Eu posso escrever, por exemplo, romances, ensaios e poemas. Posso, inclusive, desenvolver vários gêneros em uma só obra.” (103).



Essa produção se marca por um processo de “contaminação” e “hibridização”, para retomarmos termos do próprio autor, ³ que acaba por diluir os limites entre os territórios da ficção, da teoria e da crítica: o romance *Em liberdade*, por exemplo, publicado em 1981, apresenta ao leitor um “falso diário” do escritor brasileiro Graciliano Ramos e dialoga ainda com outros momentos da história brasileira, propondo uma reflexão sobre os limites entre realidade e ficção, questão que se desdobra posteriormente nos livros *O falso mentiroso: memórias* (2004), *Histórias mal contadas* (2005) e *Mil rosas roubadas: romance* (2014) obras em que a prosa autoficcional acrescenta ao duo real/ficcional a questão da memória e da biografia.

São múltiplos os caminhos pelos quais se pode abordar *O falso mentiroso*, mas nos breves limites desta comunicação vou ressaltar apenas a relação verdade/mentira/ficção, a ideia de “burla” que atravessa toda a narrativa – como afirma a pesquisadora Valéria da Silva (172), “a ideia de ‘posso estar mentindo, posso estar dizendo a verdade’ é uma constante durante todo o livro” – e sua relação com as reflexões teórico-críticas do escritor. É no próprio título do livro em análise que começa a se delinear o deslocamento entre gêneros e a problematização desse deslocamento: a expressão “o falso mentiroso” remete ao paradoxo atribuído a Euclides de Mileto, o qual aponta que quando alguém afirma mentir cria uma situação paradoxal: se a afirmação é verdadeira, e a pessoa pode ser tomada por mentirosa, e teríamos aí uma situação de verdade; se, por outro lado, aquela é uma mentira, ou seja, se a pessoa diz a verdade, ela incorre em falsidade ao afirmar o contrário. Como qualquer paradoxo, esse funciona como um elemento de complicação para o pensamento, uma vez que não é possível que se chegue a uma conclusão relativa a ele. O livro de Silviano, não bastasse trazer essa perspectiva paradoxal ao título, ainda o envolve pelo subtítulo “memórias”, remetendo a um gênero literário já clássico e, assim, amplificando a dúvida sobre a relação entre verdade e mentira que ali se anuncia e

³ Apenas para citar alguns exemplos, a questão da “contaminação” e da “hibridização” é abordada por Silviano Santiago em textos como “Meditação sobre o ofício de criar” e “Uma literatura anfíbia”.



colocando em xeque toda a narrativa, que passa a ser lida sob a seguinte questão: como se colocar frente às memórias de um falso mentiroso? Mas essa “brincadeira” com o título atinge mais que apenas o livro em questão, e coloca em suspensão o próprio par memória/ficção e as características normalmente atribuídas a cada um de seus elementos, e vincula-se a reflexões caras aos estudos literários, que marcam sua presença nos textos críticos e ensaísticos de Silviano Santiago: as relações entre a biografia/autobiografia e a ficção; a articulação entre a memória pessoal, a memória coletiva e os procedimentos narrativos; o posicionamento crítico frente à tradição literária, à filiação e à influência; a insuficiência dos gêneros literários e a possibilidade de espessamento de seus limites...

As memórias desse falso mentiroso são narradas por Samuel Carneiro de Souza Aguiar, que começa a contar suas lembranças apontando para as dúvidas que tem sobre sua origem e, portanto, sobre o próprio nome que carrega – “Caí de paraquedas entre os Carneiro, no lado materno, e entre os Souza Aguiar, no lado paterno. Samuel Carneiro de Souza Aguiar” (Santiago *O falso* 21). Samuel é filho de Dona Ana Carneiro e do Dr. Eucanaã de Souza Aguiar, um industrial da área da saúde que, envolvido com a produção de preservativos, usava como camuflagem a profissão de advogado: “Papai vivia de negócios honestos e escusos. De negócios camuflados. O recurso ao disfarce era coisa corriqueira no ramo de indústria a que se dedicava” (102). O Dr. Eucanaã é, ao longo de todo o livro, referido pelo narrador como “papai, o falso”, uma vez que a questão da filiação, que lhe gera dúvidas, será objeto de várias versões que não se solucionam de forma pacífica, mas que, antes, deixam em suspenso a veracidade de qualquer uma delas (vale destacar, inclusive, que uma dessas versões traz dados biográficos do autor, Silviano Santiago):

Erro ao adjetivar a terceira versão como *mentirosa*. Se há (eu) original e (eu) cópia, por que não pode haver um terceiro eu? Passo de gêmeos a trigêmeos.

O gêmeo mais velho - filho de uma qualquer com um qualquer. O gêmeo mais novo - filho da Senhora X com papai.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Ou será que todas as três versões são falsas? Ou será que todas as três versões não são falsas? Eu existo duas vezes. Ele existe uma terceira vez conosco. Nós existimos, os três.

Insisto. As duas primeiras versões têm de ser falsas, para que surja uma terceira? E se a mais fantasiosa das versões for a verdadeiramente verdadeira? (...)

A terceira versão pode ser mentirosa. Não deixa de ser verdadeira. Milagres acontecem. (65)

Esse filho “bastardo e pobre” afirma que teria de construir seu futuro apenas por sua própria vontade, o que para ele não seria difícil, já que os filhos que nascem nessas condições “Desenvolvem habilidades de embusteiro. Bolam planos de vida. Múltiplos e convincentes. Descartáveis na primeira lata de lixo biográfica.” E o narrador continua: “O filho crescia tão impostor quanto o pai, o falso” (Santiago *O falso* 134) e aprendeu, com a mãe, a gostar “Mais da representação do que da realidade” (141). É pois, também, a “mentira” que dá o tom da vida de Samuel para além de seu nascimento duvidoso: enganou pai e mãe em relação à sua formação superior, dizendo a um que cursava Arquitetura e, à outra, que era acadêmico de Direito, quando na verdade estudava Belas-Artes. E, em seu campo profissional, optou por dedicar-se à cópia, questão que é explicitada pelo narrador em passagem que dialoga explicitamente com o Pierre Menard de Borges: “Minha obra verdadeira e subterrânea começa no dia em que elegi como modelo o gravador Oswaldo Goeldi. (...) Na verdade, minha obra verdadeira e subterrânea começa no dia em que descobri como copiar Goeldi, sendo eu mesmo.” (Santiago *O falso* 184)

Além disso, o narrador nega suas afirmações todo o tempo, recorrendo a expressões como “minto” e “corrijo-me”, por exemplo, ou valendo-se de passagens em que explicita, para o leitor, as contradições de sua própria narrativa, como no fragmento que se segue:

Teresa não tinha tido filhos.

Isso a livra de ter sido minha mãe, a verdadeira.

Será que a livra? Por que Teresa me presenteava com camisas de lã, tricotadas por ela? Com muito carinho. (...)

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



O filho dela trocado por uma quitinete? Logo na Lapa. Por que Donana tinha sido tão compreensiva e generosa com a amante do marido?

Não elejo a Miss Suéter da zona norte como minha verdadeira mãe. Abiscoito mais uma candidata ao título. E passo adiante. (Santiago *O falso* 82)

Reforça-se, dessa forma, o ambiente de dúvida hiperbólica sobre o caráter de veracidade dessas “memórias” contadas por um falso mentiroso e, por extensão, coloca-se em questão também o próprio gênero memorialístico, enfim, enfatiza-se a burla, o jogo de embustes que preside a narrativa e que poderia ser sintetizado não apenas na expressão título do livro mas também na multiplicidade de possibilidades simultâneas que conformam a identidade desse narrador pós-moderno, que logo no primeiro capítulo afirma que é muitos: “Assumo. Sou cartesiano, à minha maneira, e canhoto. Ambidestro” (Santiago *O falso* 14). O livro de Santiago parece dizer a nós, leitores, aquilo que ressalta Valéria da Silva: “isso aqui é ficção e tudo é permitido” (Silva 173). Principalmente quando se tratam das memórias de um falso mentiroso.

Bibliografia

Borges, Jorge Luis. “Pierre Menard, autor do Quixote”. *Ficções*. Jorge Luis Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 34-45.

Compagnon, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

Cunha, Eneida Leal (Org.). *Leituras críticas sobre Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

Farias, Sônia L. Ramalho de. “Mímesis, memória e fingimento: O falso mentiroso, de Silviano Santiago”. *Mímesis e ficção*. Ed. Sônia L. Ramalho de Farias, Kleyton Ricardo Wanderley Pereira. Recife: Pipa Comunicação, 2013. 105-155. Giordano, Alberto. *Modos del ensayo: de Borges a Piglia*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2005.



Hissa, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da eografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

Hissa, Cássio E. Viana (Org.). *Conversações: de artes e de ciências*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

Piglia, Ricardo. "Ficção e teoria: o escritor enquanto crítico". *Travessia Revista de Literatura*. 33 (1996): 47-59.

Ribeiro, Roberto Carlos. "A personagem estéril de O falso mentiroso". *Letras de Hoje*. 41.3 (2006):177-184.

Santiago, Silviano. *O falso mentiroso: memórias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

Santiago, Silviano. "Meditação sobre o ofício de criar". *Aletria*. 18 (2008):173-179.

Santiago, Silviano. "Uma literatura anfíbia". *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Silviano Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. 64-73.

Santiago, Silviano. "A experiência radical". *Ofício da palavra*. José Eduardo Gonçalves (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 100-113.

Santiago, Silviano. "Literatura, para mim, é ruptura". *Revista Continente*. 164 (2014). http://issuu.com/revistacontinente/docs/164_-_ago_14_-_opinioao. 16 abr. 2015.

Santiago, Silviano. *Mil rosas roubadas: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Silva, Valéria da. "Panis et circenses: O falso mentiroso, de Silviano Santiago". *Estudos Linguísticos*. 37.3 (2008):169-177.

Souza, Eneida Maria de. "Saberes narrativos". *Scripta*. 7.14 (2004):56-66.

Souza, Eneida Maria de; Wander Melo Miranda (Org.). *Navegar é preciso, viver*. Escritos para Silviano Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997.